

ONDE NASCEM AS IDEIAS _ TRANSCRIÇÃO
EPISÓDIO LIA RODRIGUES

TC_00:38 - 00:48

ÍNDIO:

Meu nome é Davi Kopenawa Yanomami, eu sou a liderança tradicional do território Yanomami.

TC_03:46 - 04:26

LIA:

Conectaram demais o meu trabalho com o livro porque eu uso "A Queda do Céu Tem Um Nome", "Para Que o Céu Não Caia" ou o que eu falo das palavras dele no texto que eu escrevi, então isso parece que grudou. Mas o trabalho não é só sobre o livro, como eu falei. Por exemplo, quando você olha esse desenho, eu penso que eu posso fazer alguma coisa que tem a ver com uma roda, então todas as coisas me ajudam a criar. Olha esses desenhos! Ou o que está escrito, é lindo! Aqui tem as fotos da Cláudia também, Andujar.

TC_04:42 - 04:43

LIA:

Tá aumentando.

TC_04:47 - 04:48

LIA:

Atenção.

TC_04:50 - 04:52

LIA:

Já era. Não era pra ele ter vindo?

TC_04:55 - 04:56

AMÁLIA:

Não, é agora.

TC_04:59 - 05:06

LIA:

Tá, tá, tá, tá, tá, tá, tá, tá, tá, tá, rá, tá. Não perde o tempo.

TC_05:15 - 05:18

LIA:

Não perde o tempo, Cacá. Tempo.

TC_05:31 - 06:25

LIA:

Eu estudei História na USP. Minha ideia era ser antropóloga e estudar na Sorbonne sabe, essas Levi-Strauss, era isso que eu queria. Cheguei a fazer uma optativa de arqueologia, foi um desastre, sabe. Então eu lia muita coisa, mas eu já fazia dança. Então, eu achava... Era em 74 quando eu entrei na ditadura muito pesada, a Universidade era muito diferente do

que é. E eu tava mais nesse lado mais Hippie, de ter várias experiências dessa natureza, tinha a questão do movimento estudantil, contra a ditadura. Então eu passeava por isso e a dança. Então era uma coisa muito misturada. E finalmente, uns seis meses antes de me formar, eu simplesmente nunca mais fui, que eu entendi que não era o meu lugar. A dança é o meu lugar.

TC_07:38 - 07:47

LIA:

Isso, olho. Esse olho, isso. O olho é super importante, olha. Cria essa história com o olho.

TC_08:22 - 09:04

LIA:

E o meu pai trouxe a Amazônia pra dentro de casa desde que eu era muito pequena, porque ele fez um filme na década de 50 que eu acho que se perdeu, eu não sei onde está, minha mãe não sabe, que chamava "Solidão Verde". Ele ficou um tempo com os seringueiros dentro da Amazônia. E ele voltava e ele trazia fotos, revelava, tinha aquelas caixas amarelas, aquele papel fotográfico. Eu lembro tão bem, ele tinha coleções. E ele tinha lá várias fotos de índio e pra mim aquilo, eu não lembro mais a idade que eu tinha, mas eu era pequena. E eu olhava aquilo e achava assim: Como? Onde? Onde isso existe? Era tudo muito assim, mágico, né?

TC_09:32 - 10:27

LIA:

E aí, ele contava a história do Robinson Crusoe. Então, ele sentava, eu era pequenininha e ele sentava assim e começava: meu nome é Robinson Crusoe. Começa assim o livro. Nasce na velha cidade de York, um porto onde muitos navios... E eu achava que ele era o Robinson Crusoe, porque ele viajava e mandava cartão postal assinado Robinson Crusoe. E eu me lembro que um dia eu descobri que ele não era o Robinson Crusoe, mas eu descobri internamente, porque eu não quis contar pra ninguém que um dia eu achei que o meu pai pudesse, que era muita pagação de mico. Falei assim: gente ele não é o Robinson Crusoe, Robinson Crusoe é um personagem, não é o meu pai. Isso é muito, acho que isso marca muito a gente, eu acho. Quem ou o que que você ouviu, como aquelas histórias fantásticas trabalharam em você, né?

TC_10:44 - 12:03

LIA:

É, porque o processo de criação é muito, é muito... eu amo! Amo e sofro, claro. Porque às vezes eu acho que não vai sair nada daquilo, a gente faz cada coisa esquisita. Eu falo sempre que lá nesse lugar do laboratório, a gente é livre. É que nem criança que brinca, é que nem brincando no quintal, sabe, que uma areia vira não sei o quê, uma grama é não sei o que lá. Esse estado é super importante, você acessar esse estado e brincar ali, né? Criação é você ter a capacidade de inventar soluções pra situações improváveis. E o improvável no Brasil é o que mais acontece. É um calote aqui, é um negócio que desaba ali, então você tem que estar ali criando condições de existir, de sobreviver, de fazer alguma coisa com o outro. É isso que eu tento, é misturado, não é uma coisa só da criação de um trabalho, é da criação de um contexto pra esse trabalho existir. É como círculos que vão, a partir do trabalho esses círculos vão se alargando. É um lugar muito delicado, o da criação,

eu acho. Como acessar esse lugar da criação? Ah tem que trabalhar. Como é que é, quem que fala: eu fico torcendo pra inspiração me pegar trabalhando.

TC_13:28 - 15:19

LIA:

Eu tenho um grande rigor no meu modo de trabalhar. Essa palavra me lembra muito o Tunga, eu sinto que, você olha, às vezes você tem uma impressão no Tunga, tem um rigor absoluto, pra ter aquelas coisas penduradas, sabe. Acho isso lindo. Então é isso que eu busco também no meu trabalho.

Minha coleção Tunga, eles ficam aqui todos pertinho de mim e todos juntos. Quer dizer, agora tem uns embaixo, mas eu tenho minha coleção Tunga e tenho isso que o Tunga me deu. Porque a gente queria fazer alguma coisa que a gente não sabia o que era ainda, sabe. Ele tava ocupado fazendo isso. Então isso é um, que enfia o dedo, eu não sei muito bem. É muito assim, sensorial. Então isso o Tunga me deu.

Tunga não é só um artista que eu admiro, mas é um amigo muito querido. E ele... Ah não sei, trabalhar com ele, eu era assim, explorava coisas que eu nunca tinha explorado. Ele despertava em mim. Eu falava assim: gente! Olha isso que ele tá fazendo! E pronto, eu já embarcava, tinha uma coisa muito fácil no nosso trabalho. Aí eu achava tudo... Ele dá uma liberdade e ao mesmo tempo ele abre portas maravilhosas. E com esse trabalho foi assim. "Pra que o céu não caia" eu tava em pleno processo de criação visitando muito o Tunga, e eu levava foto e tudo e o Tunga: nossa e isso?! Filminhos. A gente tinha até pensado em fazer uma coisa juntos com uma parte que eu não utilizei pra esse trabalho, que um dia eu ainda vou fazer, que tinha um plástico. Então, esse trabalho eu acho que é impregnado dele. Ah, e também uma homenagem a esse artista e principalmente esse amigo maravilhoso que se foi tão cedo.

TC_17:33 - 17:35

LIA:

Isso, esse ronco é ótimo.

TC_17:41 – 17:42

LIA:

Isso, agora entra pra você.

TC_17:45 – 17:47

LIA:

Recupera a onça.

TC_17:48 – 17:48

LIA:

Isso.

TC_17:50 – 17:53

LIA:

Isso, recupera o bailarino. Bailarino onça.

TC_17:55 – 18:01

LIA:

Isso, bailarino onça, dança mesmo. Sem pausa, dança, dança, tá, tá, rá, sem pausa.

TC_18:05 – 18:19

LIA:

Sem pausa, isso, vai. Sem pausa. Tá! Isso, não deixa cair. Isso, dança mesmo. Bailarino, mais ainda, tá! Ainda dança mais, porque é muito bonito. E vai e vai. Inventar alguma coisa.

TC_18:27 – 18:32

LIA:

Isso! Isso! E segura o céu. Ótimo, Francisco.

TC_18:34 – 18:43

LIA:

Demorou tipo um ano, nove meses, que eu demoro pra fazer um trabalho, sete horas por dia. É uma imersão, né? Uma imersão.

TC_19:08 – 19:16

LIA:

Não desiste aí, não desiste. Não deixa. Quanto mais cansado, maior fica o olho, o braço, isso!

TC_19:21 – 19:24

LIA:

Isso! Não deixa. É ao contrário, tá.

TC_18:28 – 19:32

LIA:

E lembre que o carnaval é louco e grande.

TC_19:36 – 19:41

LIA:

Ah, o máximo! Isso, sem medo de ser feliz.

TC_19:42 – 20:59

LIA:

O que eu sinto do trabalho e que é normal é o seguinte: quando a gente fica um tempo sem fazer, as coisas que a gente adquire não permanecem, elas não se fixam, depois que a gente fica um tempo, elas começam a se fixar. Acho que essa coisa, a coisa que a gente, coisa de dança tem um problema, que ela não é acumulativo. A gente faz, faz o negócio daí a gente entende. De repente perde tudo, sabe, com o tempo, quando a gente não faz. Claro que o corpo tem uma memória que vem, mas até essa memória virar uma coisa que é como era antes, tem um tempo. Por isso que oscila tanto. A gente tem que tentar estabilizar isso, chegar num lugar que é estabilizado. Porque a estabilidade está na capacidade de resistência que vocês adquirem, relembrar as coisas, as tensões do trabalho, pensar. E a mesma coisa pro "Para que o céu não caia". De agora, a gente vai fazer uma passada, à partir do solo do Francisco até o final, e como é que a gente antes dá uma concentrada. Passa na cabeça de vocês essas coisas que a gente falou, pra gente poder vir com, não assim, começar do zero.

A gente tem que falar isso no sábado.

TC_20:59 – 21:04

AMÁLIA:

Acho que ficou tranquilo, ele não desenvolveu aquela perna toda.

TC_21:05 – 21:08

LIA:

É, acho que é difícil pra ele é a transição.

TC_21:08 – 21:15

AMÁLIA:

Peraí só um pouquinho. Junta em Leozinho, Dora. Senão você vai pra esquerda. Isso, é Leozinho que é a referência agora.

TC_21:16 – 21:56

LIA:

Amália, a gente trabalha juntas há dezessete anos, é muito tempo. Então nós fomos entendendo nossa relação, tanto que ela ocupa esse lugar tão importante no meu trabalho. A gente fez juntas esse trabalho. Ela é minha assistente de criação e direção, é com quem eu troco totalmente, ela entende exatamente, ela é muito diferente de mim, então ela me complementa demais, sabe? Nós duas entendemos diferente, mas a gente tem uma visão sobre o que é a nossa profissão muito parecida e isso é muito legal de trabalhar. A gente achou uma parceria muito importante.

TC_21:58 – 22:06

LIA:

Mas não é muito bom porque ela tá muito na ponta, tem que ser alguém do centro. Ou Gabi ou Léo.

TC_22:06 – 22:10

AMÁLIA:

Não, Gabi já foi, não, eles já estão lá. Eles não estão lá. Ele não estão nessa.

TC_22:10 – 22:12

LIA:

Quem que pode ser, Luana?

TC_22:13 – 22:13

AMÁLIA:

É, Luana.

TC_22:14 – 22:40

LIA:

Me lembra, o Leozinho não pode estar de costas total, tá? E eu vou pedir pras pessoas não se preocuparem de botar de costas, tem que ser de perfil. Lembrar que esse bicho do Glaciél, que ele pegou, não é um bicho bom pra botar na água, então ele não pode ser o segundo bicho dele, não é legal. Os bichos de água tem que ser coisas que ficam compridas, camisetas que ficam assim penduradas.

TC_22:42 – 23:43

LIA:

Um dos bailarinos, que criou o trabalho junto comigo, que é o Glaciél, a gente se dividiu em grupos na criação e cada um criava coisas que a gente falava. E ele apareceu com essa blusa na cabeça e uma água, mas não tinha nada a ver com isso. Eu falei: mostra pra mim o que você está pensando. E quando ele me mostrou, eu vi um bicho, um elefante assim, com uma tromba. Falei: nossa, amei isso! Ah, vamos gente, vamos experimentar. E depois a gente começou a testar esses bichos e pra mim parecia que eles eram amigos mas ao mesmo tempo, por exemplo, sempre as pessoas que são torturadas, muitas vezes elas tem a cabeça coberta. Então a gente ficou indo nesse lugar entre os bichos e esses gritos de terror, que fica tudo escuro ou tudo onde você não vê ou você é impedido de ver, como se tivesse uma sala, eles estão dentro de um lugar.

TC_25:59 – 26:48

LIA:

Você tem que evocar né, no caso assim. Você evoca e aquela imagem às vezes ajuda você a ir naquela direção. Por isso que eu acho que a imaginação na criação é uma coisa tão importante. E pra mim a imaginação vem muito ou das imagens ou da literatura ou do cinema e da vida né? Olha só, olha ao redor, o que que tem.

Como é que você faz foco em dança? Como é que você aproxima, chega perto em dança? Não tem assim, coisa do cinema que aparece aquele rosto. Então a gente tem que inventar o recurso da proximidade, do close. Qual é o close que a gente conseguiu? O close é esse, de estar perto, de botar as pessoas perto pra sentir o corpo dançando muito perto, vibrando perto do seu.

TC_28:41 – 29:05

LIA:

E algumas peças trabalham o nú. Era necessário, como é que eles iam cobrir, era muito mais legal você ver o café no corpo do que na roupa. A gente fez várias experiências com roupa também, tudo. A gente fez todas as experiências: com roupa, sem roupa, que tipo de roupa, tudo isso processo que vai sendo decidido.

TC_33:15 – 33:40

LIA:

É uma história épica. Você vê o Davi, ele tem uma missão ali. A missão mais forte dele é passar um recado. Eu gostei de tudo. É impossível eu falar o que eu mais gostei. Eu gostei porque ele existe, porque ele tá aqui, porque ele é um testemunho magnífico de uma parte da nossa história desse genocídio que ainda acontece.

TC_36:25 – 36:58

LIA:

Como foi importante pra mim, fazer esse projeto, como é importante a cada dia da minha vida. O lugar onde eu aprendo, onde faz sentido o que eu faço. O livro ele me fez pensar o mundo de outro jeito que é isso que é incrível. Me ajudou a sonhar, que no livro ele fala que o branco sonha só com si mesmo, né? E de repente eu sonhei com ele, muito. Então esse sonho, achei muito bonito. E ele falou que ele já sonhou com a dança também. Sei lá, é de outra natureza.

Obrigada, tá?

TC_36:59 – 37:00

ÍNDIO:

De nada.

TC_37:00 – 37:02

LIA:

De ter sonhado o meu sonho.

TC_37:03 – 37:08

ÍNDIO:

Você sonha muito. Muito, essa dança é muito bonita.

TC_37:08 – 37:08

LIA:

É mesmo?

TC_37:09 – 37:11

ÍNDIO:

Sim, muito bonita.

TC_39:28 - 41:30

ÍNDIO:

No início do mundo o céu e a terra tava fraco. O nosso rei se chama Omamu. Omamu era o primeiro homem da floresta que criou, que plantou a floresta e colocou os rios, igarapés, o mar, montanha, tudo que está dentro no nosso mundo. Então eu vou tentar esclarecer o que era do "Céu". O livro conta tudo, o meu pensamento, a minha capacidade, eu queria mostrar o caminho, caminho de sobreviver à seca da nossa terra pra viver bem sem destruir a natureza, sem derrubar a natureza, sem destruir a terra, sem sujar o rio, sem poluir o nosso planeta. Então o livro conta pra vocês, pra você entender pelos gritos. Se eu falar assim, oralmente, vocês não conseguem entender, não conseguem escutar. Porque vocês gostam de ler, vocês gostam de ler o que o antropólogo escreve. Antropólogo escreve o conhecimento da cidade. O conhecimento da cidade, a capital. O meu conhecimento é a floresta.